

Novo conto de Natal

Natal! A beira da estrada,
Na touceira de capim,
Maria Joana, cansada,
Treme, chora e chega ao fim.

Tem sede com febre alta,
Dói-lhe o peito exposto ao vento
Oitenta anos já somaram
Seus dias de sofrimento.

Os grupos passam cantando,
Do mais rico ao mais plebeu:
— «Glória ao Senhor nas Alturas!
Hosanas!... Jesus nasceu!...»

Ninguém pára, a fim de vê-la,
Todos anseiam chegar,
Quanto mais cedo possível,
À mesa do próprio lar!...

A pobrezinha relembra
A época da saúde,
As alegrias do campo,
Os sonhos da juventude...

Viúva na mocidade,
Vivera escrava ao dever!...
Onde os filhos que tivera?
Quem poderia saber?...

A quantos patrões servira,
De atenção cativa e alerta?
A quanta gente ajudara?
Só Deus tinha a conta certa...

Recorda o arado, a peneira,
As plantações da fazenda,
O milho para o pão,
A cana para a moenda...

Crianças a tiracolo,
Serviço de casa cheia,
Cozinha laboriosa,
Previsão da fome alheia!...

A roupa suja no rio,
A enxada que não descansa!...
Trabalho!... apenas trabalho
O que lhe vai na lembrança!...

Agora que mais precisa
Colher na leira do bem,
Ninguém lhe estende um lençol,
Não aparece ninguém!...

A pobre desamparada
Às vascas da provação,
Morre, sózinha e humilhada,
Sem lume, sem lar, sem pão...

Nisso, um jovem surge à vista,
Qual um filho que a buscassem,
Afaga-lhe a fronte humilde,
Acaricia-lhe a face.

Joana vê-se melhorada,
Está contente, mais forte,
A fala volta de novo,
Não mais reflete na morte.

— Maria Joana! — esclarece
O moço atraente e amigo —
Venho buscar-te e saber
Se queres servir comigo!...

Ela responde: — Ah! meu filho,
Já não sei como viver,
Estou velha, desprezada,
Que posso agora fazer?...

Ele pondera: — Serás
Na minha estrada, que é tua,
Mãe das crianças jogadas
Aos sofrimentos da rua.

Serás a irmã dos que choram,
Nas pedras da trilha escura,
Aos sopros do desengano,
Aos golpes da desventura!...

Serás tutora bendita
Dos pobrezzinhos ao léu,
Obreira da caridade,
Na Terra como no céu!...

«Quem és?» — ela indaga aflita,
Ao ver-lhe o manto de luz!
Ele diz: — Não me conheces?
Sou teu amigo: Jesus!

Joana agarra-se-lhe aos braços,
Peito opresso, olhos no Além.
Ele se inclina, bondoso,
E abraça Joana também.

O leito andrajoso e triste,
De tanta luz que irradia,
Lembra a furna de Belém
E a palha da estrebaria!...

Os dois partem sempre juntos
Para as estrelas serenas,
Num carro todo enfeitado
De rosas e de açucenas!...

Milhões de vozes no Espaço
— Regozijos no apogeu —
Proclamam de canto a canto:
— «Hosanas!... Jesus nasceu!...»

No outro dia, um caminhante
Procura acordá-la em vão,
Joana morta parecia
Dormir tranquila no chão...

O corpo frio, mostrando
A paz que o verbo não diz,
Era um retrato de Joana
Sorrindo calma e feliz!...

FRANCISCA CLOTILDE

— 160 —

113

Deus tevê

Deus tevê, alma querida,
Quando te pões na trilha escura,
Para ajudar aos filhos da amargura
Que tanta vez se vão
Como sombras errantes no caminho
— Chagas pensantes ao relento —,
Entre as nuvens do Pó e as pancadas do Vento,
Com saudades do Pão...

Deus tevê a mensagem de bondade
Com que suprimes ou reduzes
As provações, as lágrimas e as cruzes
Dos que vagam na rua sem ninguém,
E te agradece as posses que desprendes,
No auxílio ao companheiro em desamparo,
Seja um tesouro inesperado e raro,
Seja um simples vintém!...

Deus tevê quando estendes braço amigo
Aos que carregam lenhos de tristeza,
Doando-lhes o afeto, o abrigo, a mesa,
O remédio, a camisa, o cobertor...
E, por altos recursos sem que o saibas,
Manda que a Lei te aumente os dons divinos,
Em mais belos destinos,
Para a glória do amor.

— 161 —